

Homens desvelando as formas da violência conjugal**Males unveiling the different forms of conjugal violence**Hombres develando las formas de la violencia conyugal***Nadirlene Pereira Gomes¹, Normélia Maria Freire Diniz²****RESUMO**

Objetivos: Identificar as formas de desvelamento da violência a partir do discurso de um grupo de homens que praticam atos violentos contra suas companheiras. **Métodos:** Estudo de abordagem qualitativa. Foram entrevistados sete homens que violentavam suas companheiras, residentes na periferia de Salvador-BA. As falas dos sujeitos foram analisadas por meio da análise de conteúdo. **Resultados:** O estudo mostrou que os homens entrevistados vivenciam a violência conjugal, a qual se desvela sob as formas psicológica, sexual, moral e física. **Conclusão:** O relacionamento conjugal é marcado por uma relação assimétrica entre homens e mulheres, de modo que, ao sentir que seu poder está sendo ameaçado, o homem utiliza alguns meios para controlar suas companheiras, lançando mão, inclusive, da violência física. Faz-se necessária a implementação de políticas públicas que garantam intervenções junto a homens e mulheres que conduzam uns e outros à compreensão da construção social da identidade de gênero.

Descritores: Violência contra a mulher; Violência doméstica

ABSTRACT

Objectives: To identify the forms of unveiling violence from the discourse of a male group that perform violent acts against their partners. **Methods:** Qualitative approach study. Seven males were interviewed and they beat their partners, residing in the outskirts of Salvador, BA. The subjects speeches were analyzed by means of content analysis. **Results:** The study showed that the males interviewed experienced conjugal violence, which is revealed psychologically, sexually, morally and physically. **Conclusion:** The conjugal relationship is marked by an asymmetrical relation between males and females. When males feel they are being threatened, they use some means to control their partners, resorting to physical violence, inclusive. It is imperative to implement public policies that guarantee interventions with males and females, leading them to understand the social construction of gender identity.

Keywords: Violence against woman; Domestic violence

RESUMEN

Objetivos: Identificar las formas de develamiento de la violencia a partir del discurso de un grupo de hombres que practican actos violentos contra sus compañeras. **Métodos:** Se trata de un estudio de abordaje cualitativo. Fueron entrevistados siete hombres que cometían actos violentos contra sus compañeras, residentes en la periferie de Salvador-BA. Las narrativas de los sujetos fueron analizadas por medio del análisis de contenido. **Resultados:** El estudio mostró que los hombres entrevistados vivencian la violencia conyugal, la cual se devela bajo las formas psicológica, sexual, moral y física. **Conclusión:** El relacionamiento conyugal está marcado por una relación asimétrica entre hombres y mujeres, de modo que, al sentir que su poder está siendo amenazado, el hombre utiliza algunos medios para controlar a sus compañeras, haciendo uso, inclusive, de la violencia física. Se hace necesaria la implementación de políticas públicas que garanticen intervenciones junto a hombres y mujeres que conduzcan a unos y otros a la comprensión de la construcción social de la identidad de género.

Descriptores: Violencia contra la mujer; Violencia doméstica

* Estudo realizado integrado à Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia - UFBA – Salvador (BA), Brasil. Pesquisa financiada pelo CNPq.

¹ Pós-graduanda, Professora Assistente da Universidade Federal do Vale do São Francisco; Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Violência, Saúde e Qualidade de Vida da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia - UFBA – Salvador (BA), Brasil.

² Doutora, Professora Adjunto da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia - UFBA – Salvador (BA), Brasil; Pesquisadora do Grupo de Estudos sobre Saúde da Mulher/EEUFBA. Salvador (BA), Brasil.

INTRODUÇÃO

Atualmente, a temática violência conjugal é de grande importância, por não distinguir nível cultural, social, econômico, de raça/etnia, religião, idade ou grau de escolaridade⁽¹⁾.

Somente a partir dos anos 70 século XX, por meio do movimento feminista, é que a violência contra a mulher se tornou uma questão pública. Este movimento questionava os papéis que são atribuídos às mulheres e toda e qualquer forma de preconceito sexual construído pelo modelo patriarcal, para o qual o papel feminino é desqualificado, opressivo e sem status⁽²⁾. A partir daí, mulheres passaram a denunciar toda forma de violência a que estão submetidas pelo seu *status* de mulheres, trazendo à tona o cotidiano de violência em que vivem e as discriminações de que eram vítimas, além de assédio, estupro, tráfico de mulheres, mutilação genital, preconceito sexual no trabalho, agressões emocionais, físicas e sexuais praticadas pelos companheiros e uma série de assassinatos cometidos em nome da “legítima defesa da honra”⁽³⁾. O movimento de mulheres deu visibilidade à problemática da violência conjugal, permitindo que esta deixasse de ser considerada situação de cunho privado e passasse a ser reconhecida enquanto problemática social e de saúde pública⁽⁴⁾.

Embora comumente a violência esteja associada a lesões físicas, o fenômeno não se caracteriza apenas por uma gravidade clínica, mas igualmente pelo impacto psicológico e social que causa nas vítimas. Isto se explica pelo fato de nem sempre deixar marcas visíveis, haja vista que a violência física⁽⁵⁾ é apenas uma das formas de expressão da violência conjugal.

Uma das conquistas mais recentes do Movimento de Mulheres é a Lei n.º 11.340/06, denominada Lei Maria da Penha, que visa a coibir e eliminar todas as formas de discriminação contra as mulheres, além de prevenir, punir e erradicar a violência contra a mulher⁽⁶⁾.

A Lei Maria da Penha define violência doméstica e familiar contra a mulher como qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause agravos tais como morte, lesão sexual ou psicológica, dano moral ou patrimonial, e reconhece diversos tipos, a saber, violência física, violência psicológica, violência sexual, violência patrimonial e violência moral⁽⁶⁾.

As estatísticas mostram que a violência física e sexual vivenciada pelo menos uma vez na vida por mulheres é alarmante em países como Canadá, onde o índice de mulheres entre 18 e 64 anos acometidas é de 32,2%; na Nicarágua, 73,3% das mulheres entre 15 e 49 anos sofrem atos de violência; no Norte de Londres esse percentual é de 53% (mulheres com 16 anos); em São Paulo, 35,4% das mulheres com idades entre os 15 e os 49 anos são vítimas desta agressão e na Zona da Mata de Pernambuco o índice de casos de violência doméstica entre mulheres na faixa etária de 15 a 49 anos é de 46,5%⁽⁷⁾.

Estudo realizado com 50 homens residentes numa

determinada comunidade de Salvador mostrou que 80% dos homens entrevistados citaram a ocorrência de violência, expressa nas formas física, sexual, emocional e por atos destrutivos ao patrimônio⁽⁸⁾. Já um estudo realizado nas cidades de Salvador, Recife e Aracaju mostrou que 47% das mulheres declararam ser forçadas a ter relações sexuais; 32% eram proibidas de fazer amizade ou de trabalhar; 44% receberam chutes, tapas, murros ou empurrões; e 32% eram vítimas de xingamentos contra elas ou contra a família delas⁽⁸⁾. Um outro estudo mostra que mulheres em situação de violência conjugal dizem vivenciar violência psicológica e moral (91,1%), física (83,7%) e sexual (48,1%)⁽⁹⁾. Contudo, independentemente da forma com que se expressa, a violência quase sempre deixa marcas visíveis e invisíveis, que favorecem o desencadeamento de problemas para a saúde das mulheres envolvidas no círculo da violência conjugal.

Tem-se estabelecido uma correspondência direta entre a violência conjugal e maiores índices de suicídio, abuso de drogas, álcool e sofrimento psíquico em geral⁽¹⁰⁾. Este fenômeno se desvela na relação conjugal, repercutindo não só na saúde da mulher, mas também na saúde da família, assim como na produtividade econômica do país: referimo-nos aqui aos custos com o sistema de saúde, com a polícia, com o Poder Judiciário, com os órgãos de apoio à mulher, com as faltas da mulher ao trabalho⁽¹¹⁻¹⁴⁾. Por conta disso, a violência representa um dos mais graves problemas sociais e tem grande relevância nas discussões das políticas de saúde pública. Todavia, por ser uma questão cultural, bastante enraizada, portanto, na sociedade, ainda há um longo caminho a ser trilhado na busca para transformar esta situação⁽¹⁵⁾.

Considerando que a violência conjugal se insere na violência doméstica e intrafamiliar e que esta desgasta o espaço considerado “seguro”, e levando em consideração, também, sua magnitude e caráter multifacetado, é de grande importância realizar estudos que visem a melhor compreensão deste fenômeno. Entretanto, de um modo geral, as pesquisas sobre a temática se concentram nos discursos de mulheres. Isso posto, entendemos ser necessário escutar o outro lado da relação conjugal, a saber, o homem.

Considerando os aspectos abordados, o objeto deste estudo foi o desvelamento da violência conjugal sob a ótica de homens que praticaram atos violentos contra suas companheiras. Nosso objetivo é identificar as formas do desvelamento da violência a partir do discurso de um grupo de homens que praticam atos de violência contra suas companheiras.

MÉTODOS

Trata-se de uma pesquisa com abordagem qualitativa, considerada adequada ao objeto de estudo por se preocupar com o nível de realidade que não pode ser

quantificado, valorizando a subjetividade e a razão indutiva. Permite focar os problemas humanos e sociais e compreender a ação humana, e não apenas a descrição dos comportamentos⁽¹⁶⁾.

O estudo foi realizado em uma comunidade da periferia da cidade de Salvador (BA) e teve o apoio de uma instituição sem fins lucrativos, criada em 1992 devido à alta incidência de violência doméstica na comunidade, o que a viabilizou enquanto cenário do nosso estudo.

A fim de nos aproximarmos dos sujeitos desta pesquisa, realizamos oficinas sobre violência doméstica e saúde, para mulheres no espaço físico da instituição, dos quais participamos ativamente. Estes encontros foram importantes, pois nos permitiram identificar, no grupo, as mulheres que viviam uma situação de violência conjugal. Terminadas as oficinas, nós nos dirigimos a estas mulheres e indagamos sobre as possibilidades de que seu companheiro aceitasse ser sujeito do estudo. É importante considerar que, mesmo não vivenciando a violência na relação conjugal, algumas mulheres conhecem histórias de vizinhas que vivem com os companheiros uma relação violenta. Assim sendo, nós solicitávamos que elas os convidassem para participarem do estudo.

Os critérios de inclusão foram: ser homem; residir na comunidade do estudo; ter 18 anos ou mais; vivenciar violência na relação conjugal. O passo seguinte, depois da aceitação de participar da pesquisa, era a entrevista agendada, conforme a disponibilidade de tempo deles. A coleta de dados foi realizada por meio de entrevista semi-estruturada cuja questão norteadora era a seguinte: "Conte-me sobre sua relação com sua companheira".

Para o desenvolvimento desta pesquisa, foi levada em consideração a Resolução n. 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, que norteia a ética na pesquisa com seres humanos⁽¹⁷⁾. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Maternidade Clímério de Oliveira (CEP n.º 112/2004). Para efeito de diferenciação dos fragmentos de fala neste texto foram utilizados nomes fictícios, referentes aos sete primeiros planetas (Mercúrio, Vênus, Terra, Marte, Júpiter, Saturno e Urano). Também foi solicitada a autorização para uso do gravador durante a entrevista, assim como a assinatura do termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Como técnica de análise, utilizamos a análise de conteúdo: dentro deste universo, elegemos a análise temática, que permite, através de frases ou etapas, organizar os dados do conteúdo, buscando o conhecimento do que está por trás das palavras⁽¹⁸⁾.

A análise temática se divide em três etapas: a pré-análise, que consiste na leitura flutuante a partir do contato exaustivo com o material coletado; a exploração do material e tratamento dos dados, quando se torna possível identificar o tema eixo, ao redor do qual se organizam as categorias; e a interpretação, com a

utilização das leituras referentes às temáticas gênero, identidade masculina e violência conjugal⁽¹⁸⁾.

RESULTADOS

Foram sujeitos da pesquisa sete homens com história de violência conjugal: todos eles católicos, na faixa etária de 20 a 46 anos. Três deles possuíam escolarização do ensino fundamental e quatro, o ensino médio incompleto. O tempo de convivência conjugal variam de três a dez anos, resultando no máximo em três filhos.

A organização dos discursos permitiu identificar o tema formas de desvelamento da violência conjugal.

TEMA: Formas de desvelamento da violência conjugal

Este tema permitiu identificar a relação entre homens e mulheres como estando ancorada nos papéis sociais de gênero, previamente estabelecidos de forma assimétrica, dando ao homem o direito de controlar os desejos e a vontade de suas companheiras. Dentro deste tema surgiram quatro categorias: violência psicológica, violência sexual, violência moral e violência física.

Violência psicológica

Os discursos masculinos permitiram desvelar a relação de poder entre os gêneros, ficando claro o controle do homem sobre suas companheiras no que tange a suas ações, comportamentos e decisões:

"(...)ela quer sair com pessoas que não é do tipo dela... ela sabe como é que eu sou(...)eu digo a ela que não. Mas ela acha que deve ir(...) E se isso for chegar ao meu conhecimento, eu não vou querer saber que ela esteja certa ou que ela esteja errada, eu já vou partir pro outro lado, vou partir pro lado da violência.." (Mercúrio).

"(...)proíbo ela de usar roupa curtas... eu advirto: "isso aí não tá legal não, rapaz"... eu acho que fica mostrando o corpo, sabe?" (Júpiter).

"(...) porque eu não confio dela trabalhar na casa do cara, o cara com filhos homens." (Saturno).

Violência sexual

No que se refere ao aspecto da relação sexual, o estudo mostrou que as mulheres mantêm relações sexuais mesmo sem o desejar, o que revela o constrangimento imposto a elas pelos homens. Vejamos os depoimentos a seguir:

"(...)Às vezes, ela não quer e eu quero (ter relação sexual), às vezes, eu forço a barra, insisto(...) já aconteceu dela não querer ter relação comigo, mas ela ter só pra me satisfazer." (Júpiter).

"(...) eu acordei ela chateado, que já tinha quase 15 dias sem ter relação com ela, e ela reclamou, ela reclamou, ela reclamou, e quando terminou (a relação sexual), ela ainda disse que eu forcei

ela a isso (risos)... é por isso que eu sempre tive uma mulher paralela... Por conta disso é que brigamos, você sabe né?” (Saturno).

Violência moral

Quanto à violência moral, os discursos a seguir mostram que os homens são capazes de calúnia, difamação e injúria.

“(...)xingo ela de todos os nomes... Ela me chama de ladrão, de maconheiro... Aí, aquilo ali também já vai me deixando com raiva. Aí, ela não para mais; e eu só paro, também, depois que eu bato nela. (Mercúrio).

“(...)quando a gente briga, sai tantos nomes... um bocado de nome, um bocado de baixaria. Eu xingo ela também de um bocado de nome. (Vênus)

Violência física

Nesta categoria, os discursos dos homens revelam um atentado à integridade física de suas companheiras:

“(...)A última vez que a gente brigou mesmo, eu dei dois na barriga, um no peito e mais um no olho... Quando ela tava grávida de meu filho, eu também bati, mas não na barriga. Eu bati nela grávida dos dois, mas na barriga, só da menina... Agora, quando tem mulher que quer enfrentar, aí é que tem que dar um bocado(...)” (Vênus).

“(...) eu acertei um murro no braço que ficou um hematoma durante três dias... Eu nunca dei tapa, só murro, e só no braço, porque tapa não tem graça (risos) (Saturno).

“(...)Eu atirei nela dentro de casa, mas não acertou nela, não.... Eu dei o primeiro no rosto dela, ela tirou o rosto... Ela ficou toda pálida... ela tava com medo. Eu não me arrependi neste momento. E depois, dei outro... mas não pegou nela.” (Mercúrio).

DISCUSSÃO

Violência psicológica

Os discursos masculinos revelaram que os homens exercem o poder sobre suas companheiras, decidindo questões como amizades, roupas e o direito de a mulher trabalhar fora de casa. Isto mostra, além do controle exercido sobre a mulher, que os homens procuram tornar a mulher não mais sujeito, senão mero objeto, com as decisões centralizadas em suas próprias mãos.

Nesta perspectiva, numa relação de violência conjugal a mulher se coloca nas mãos deles, anulando-se e sujeitando-se às vontades e ações do sujeito dominador. Tal anulação pode ser percebida, por exemplo, quando o homem proíbe a mulher de trabalhar fora de casa ou quando a impede de manifestar seus pontos de vista, principalmente se estes lhes forem contrários⁽¹⁹⁾.

Em resumo, os resultados deste estudo mostraram que a mulher tem pouca ou nenhuma autonomia na relação conjugal, o que a coloca numa posição de

passividade e permite que o homem exerça o poder que ele acredita ter sobre a mesma. Com isso, ele chega a praticar atos violentos legitimados, segundo a visão de mundo masculina, o que também é partilhado pela visão feminina.

A atribuição de valores e de papéis de gênero na sociedade, valorizando o homem em detrimento da mulher, é um fator que predispõe à existência de relações violentas entre homens e mulheres de forma considerada natural⁽²⁰⁾.

Violência sexual

Podemos dizer que a relação entre os homens e suas companheiras está eivada de exemplos de sujeição das mulheres às vontades do homem, o que redundava também na imposição da vontade dele no que se refere à relação sexual.

Este estudo mostrou que a mulher é vista como objeto das necessidades sexuais dos homens. Na tradição patriarcal, consentia-se ao homem o papel ativo nas relações social e sexual, ao mesmo tempo em que se restringia a sexualidade feminina à passividade e à reprodução⁽²¹⁾.

Estudos mostram que homens violentos tendem a controlar a sexualidade de suas parceiras, não permitindo, por exemplo, que elas usem anticoncepcionais⁽²²⁾. Outros referem dificuldades das mulheres em negociar o uso do condom, por medo de que o companheiro, violento, duvide de sua fidelidade na relação⁽²¹⁾. Outras pesquisas apontam para o fato de que 34% das mulheres justificam a não utilização do condom, tomando como ponto de partida a sua não aceitação pelo parceiro⁽⁹⁾. No que se refere à saúde reprodutiva, a violência contra a mulher tem sido associada com as doenças sexualmente transmissíveis, aborto espontâneo e gravidez indesejada⁽²³⁾.

Pesquisa realizada com mulheres não associam o ato sexual não consentido com a violência, embora, em seus depoimentos, as entrevistadas tenham mencionado sentimentos semelhantes a casos de estupro, tais como o nojo da relação⁽²⁴⁾. Elas também se referem ao fato de que dizer não ao sexo, ao marido, pode significar um “contrapoder”. Neste sentido, as autoras acreditam que o tradicional poder do masculino, baseado em seu papel de provedor, está em xeque e a resistência de ambos os parceiros favorece a ocorrência da violência, inclusive a sexual, entre o casal.

Outro dado apontado é o direito que a cultura patriarcal atribui ao homem de ser infiel. Neste sentido, quebra-se o compromisso firmado no ‘contrato’ de casamento, que prevê juras de fidelidade. Fidelidade provém do latim *fidelis*, que significa confiança, sinceridade. Essa fidelidade está mais ligada à mulher que ao homem, que, além de perdoado, é admirado⁽²⁵⁾.

No entanto, a aceitação da infidelidade masculina pelas mulheres é um mito, haja vista que, sabendo que seu companheiro não é fiel, a relação com este é marcada por constantes situações conflituosas, cujo resultado final é a violência.

Isto mostra uma mudança nas representações dos velhos mitos, sempre repensados de formas diferentes. A mulher já não aceita uma posição de vulnerabilidade com relação ao homem; ela não aceita mais a proteção masculina como instrumento de controle⁽²⁵⁾. É desta forma que o modelo social se modifica, redefinindo os papéis femininos e masculinos.

Violência moral

Neste estudo, as relações conjugais são marcadas pela ausência de diálogo, o que também caracteriza situação de violência. Os discursos masculinos mostraram que as relações vivenciadas pelos homens se caracterizam pelo desrespeito: uma parte não escuta a outra, daí a existência de constantes agressões verbais.

A ausência de diálogo na relação familiar é um dos elementos que interferem na construção da identidade do homem que violenta sua companheira⁽²⁶⁾. Em casos de violência não se constroem relações eu-tu, sujeito-sujeito.

A violência traz repercussões negativas para a auto-estima das mulheres, tornando-as menos seguras do seu valor: com isso elas ficam mais vulneráveis e tendem a sofrer mais com a violência conjugal⁽²³⁾.

Violência física

Muitos são os estudos que mostram a repercussão da violência para a saúde das mulheres, não só através de lesões visíveis, mas também pelo desencadeamento, por exemplo, de problemas como depressão e baixa auto-estima⁽²⁾.

A violência física, neste estudo, mostra que as mulheres agredidas pelos homens ficam absolutamente impotentes, pois seus corpos são submetidos a lesões importantes, talvez até mesmo fatais.

A cultura patriarcal, por muitos anos, serviu como justificativa para as agressões cometidas contra as mulheres⁽²⁷⁾. A partir de situações cotidianas, na sociedade os papéis de gênero, atribuídos a cada sexo são definidos e legitimados. Dessa forma, a aceitação, por parte da mulher, de um papel de submissão, é responsável pela sua dificuldade em perceber a situação de violência em que se encontra, daí sua sujeição, e é aberta a porta para

que a violência se instale.

Neste sentido, sendo a violência contra a mulher entendida como consequência das relações de poder entre homem e mulher, é importante que esta esteja fundamentada em uma perspectiva de gênero que considere a desigualdade entre os gêneros e não as diferenças biológicas⁽²⁸⁾.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pudemos perceber que o relacionamento conjugal é marcado por uma relação assimétrica de poder. Ao se sentir ameaçado, o homem se vale de meios para controlar a sua companheira. Com este intuito, e a fim de restabelecer o poder que acredita ter sobre a mulher, chega a usar e abusar da força física.

O estudo mostrou que os homens exercem a violência de diversas maneiras: escolhendo amizades, vestuário; definindo trabalho; forçando relações sexuais; agredindo verbal e fisicamente.

Este estudo não traz contribuições apenas para uma área específica, mas para os profissionais das diversas áreas que trabalhem com a temática violência contra a mulher, uma vez que permite identificar, nos discursos masculinos, de que forma a construção de gênero dá ao homem o direito de decidir sobre o comportamento e a sexualidade da mulher.

Daí a necessidade de melhor compreensão do fenômeno da violência conjugal para a prática profissional na área da saúde, em especial para a enfermagem, devido a suas consequências para os cuidados com a mulher e a família. Entretanto, outros estudos, sob a ótica dos homens, são necessários, no sentido de aprofundar a questão e apontar possibilidades de ações de saúde e de enfermagem que permitam a elaboração de estratégias que garantam maior simetria nas relações homem-mulher.

Entendemos que este estudo, traz contribuições importantes e oferece material para que os profissionais da área de enfermagem e de outras áreas ligadas à saúde reflitam. Também acreditamos contribuir para a elaboração de projetos de intervenção junto a homens e mulheres, no sentido de dirigirem a atenção para a compreensão da construção social da identidade de gênero, considerando as formas de desvelamento da violência na relação conjugal na perspectiva de gênero aqui apresentadas e discutidas. Ao mesmo tempo, cremos que os resultados deste estudo podem contribuir para a implementação de políticas públicas que garantam trabalhar a questão de gênero nos currículos escolares, em todos os níveis de ensino.

REFERÊNCIAS

1. Meneghel SN, Barbiani R, Steffen H, Wunder AP, Rosa MD, Rotermund J, et al. Impacto de grupos de mulheres em situação de vulnerabilidade de gênero. *Cad Saude Publica* = *Rep Public Health*. 2003; 19(4): 955-63.
2. Marodin M. As relações entre o homem e a mulher na atualidade. In: Strev MN, organizador. *Mulher: estudos de gênero*. São Leopoldo: Unisinos; 1997. p. 9-18.
3. Blay EA. Violência contra a mulher e as negociações. *Estud*

- Av. 2003; 17(49):87-98.
4. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. Violência intrafamiliar: orientações para prática em serviços. Brasília: Ministério da Saúde; 2001. [Cadernos de Atenção Básica n. 8. Série A – Normas e manuais técnicos n.131].
 5. Diniz NMF, Lopes RLM, Gesteira SMA, Alves SLB, Gomes NP. Violência conjugal: vivências expressas em discursos masculinos. *Rev Esc Enferm USP*. 2003; 37(2):81-8.
 6. Brasil. Lei n. 11.340, de 7 de agosto de 2006. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher [Internet]. [citado 2007 Jan 8]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/CCIVIL/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11340.htm.
 7. Schraiber LB, d'Oliveira AFPL, França-Junior I. Violência contra a mulher: estudo em uma unidade de atenção primária à saúde. *Rev Saude Publica = J Public Health*. 2002; 36(4): 470-7.
 8. Diniz NMF, Lopes RLM, Arrazola LSD, Gesteira SMA, Alves SL. Violência doméstica e institucional em serviços de saúde: experiências de mulheres. *Rev Bras Enferm*. 2004; 57(3):354-6.
 9. Diniz NMF, Lopes RLM, Couto TM, Gomes NP, Alves SLB, Oliveira JF. Violência conjugal e suas implicações na prevenção de DST/HIV. *Rev Enferm UERJ*. 2003; 11(1):80-4.
 10. Menezes TC, Amorim MMR, Santos LC, FAÚNDES, A. Violência física doméstica e gestação: resultados de um inquérito no puerpério. *Rev. Bras. Ginecol. Obstet*. 2003; 25 (5): 309-16.
 11. Jacobucci PG. Estudo psicossocial de mulheres vítimas de violência doméstica, que mantêm o vínculo conjugal após terem sofrido as agressões [dissertação]. São Paulo: Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas; 2004.
 12. Tavares DMC. Violência doméstica: uma questão de saúde pública [dissertação]. São Paulo: Faculdade de Saúde Pública da Universidade São Paulo; 2000.
 13. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Área Técnica de Saúde da Mulher. Prevenção e tratamento dos agravos resultantes da violência sexual contra mulheres e adolescentes: normas técnicas. 2a ed rev. e ampl. Brasília: Ministério da Saúde; 2005. [Série A. Normas e manuais técnicos. Série direitos sexuais e reprodutivos. Caderno 6].
 14. Souza I, Trindade ZA, organizadores. Violência e exclusão: convivendo com paradoxos. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2004.
 15. Garbin CAS, Garbin AJI, Dossi AP, Dossi MO. Violência doméstica: análise das lesões em mulheres. *Cad Saude Publica = Rep Public Health*. 2006; 22(12):2567-73.
 16. Minayo MCS, Sanches O. Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade? *Cad Saude Publica = Rep Public Health*. 1993; 9(3):239-48.
 17. Brasil. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Normas de pesquisa envolvendo seres humanos - Res. CNS 196/96. *Bioetica*. 1996; 4(2 Supl): 15-25.
 18. Minayo MCS. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 8a ed. São Paulo: Hucitec; 2004
 19. Cabral MAA. Prevenção da violência conjugal contra a mulher. *Cienc Saude Coletiva*. 1999; 4(1): 183-91.
 20. Gebara I. Rompendo o silêncio: uma fenomenologia feminista do mal. Petrópolis: Vozes; 2000.
 21. Giffin K. Pobreza, desigualdade e equidade em saúde: considerações a partir de uma perspectiva de gênero transversal. *Cad Saude Publica = Rep Public Health*. 2002; 18(Supl):103-12.
 22. Lopes RLM, Diniz NMF, Alves SLB, Couto TM; Matos MEC de. Saúde da mulher: violência intrafamiliar e suas repercussões no auto-cuidado. *Texto & Contexto Enferm*. 1999; 8(2):436-9.
 23. Kronbauer JFD, Meneghel SN. Perfil da violência de gênero perpetrada por companheiro. *Rev Saude Publica = J Public Health*. 2005; 39(5):695-701.
 24. Dantas-Berger SM, Giffin K. A violência nas relações de conjugalidade: invisibilidade e banalização da violência sexual? *Cad Saude Publica = Rep Public Health*. 2005; 21(2):417-25.
 25. Bustos DM. Perigo... amor à vista! Drama e psicodrama de casais. São Paulo: Aleph; 1990.
 26. Gomes NP, Freire NM. Vivência de violência familiar: homens que violentam suas companheiras. *Rev Bras Enferm*. 2005; 58(2):176-9.
 27. Teles MAA, Melo M. O que é violência contra a mulher. São Paulo: Editora Brasiliense; 2002.
 28. Silva IV. Violência contra mulheres: a experiência de usuárias de um serviço de urgência e emergência de Salvador, Bahia, Brasil. *Cad Saude Publica = Rep Public Health*. 2003; 19(Supl 2):263-72.